

**ALGUNS
SONETOS
QUE FIZ
POR AÍ ...**

**Sonetos de
WILLIAM MENDONÇA**

ALGUNS SONETOS **QUE FIZ POR AÍ ...**

de William Mendonça

Sonetos escritos entre 1987 e 2006
Publicados nos blogs do autor
e na imprensa de Itaboraí - RJ

® Todos os direitos reservados

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita
desde que o conteúdo não seja alterado
e que seja citada a autoria e a fonte.

Mendonça, William Pereira de (1968 -)
Alguns Sonetos que fiz por aí ...
Tanguá-RJ: Edições Cia. de Duques
64 p.; 21 cm
1 - Poesia, Soneto

Publicado no site do autor em 12/10/2006
www.williammendonca.com

Contatos: will_mendonca@yahoo.com.br

Alguns sonetos que fiz por aí ...

**ALGUNS SONETOS
QUE FIZ POR AÍ ...**

ÍNDICE

6 - Sobre o livro

7 - Ânsia

8 - O Centauro e as Pedras

9 - Ilhas

10 - Emoção fugidia

11 - Entre os dentes

12 - Noite e dia

13 - Vida passada

14 - Mentiras

15 - Instante

16 - Sobre a infância

17 - Soneto de Ano Novo

18 - Duelista

19 - Vozes e versos

20 - Cruzando a Baía

21 - Fúria

22 - Companheira de viagem

23 - A Estrela e o Verso

24 - Varanda pro dia

25 - Poente

26 - Feitiço

27 - Eu e você no quadro

28 - Noites de tédio

29 - A Musa; o Verso; o Tempo

30 - Cartão Postal

31 - Tango

32 - Despojamento

33 - Quarto devassado

- 34 - Do inimigo
35 - Galope
36 - Sobre os sonhos
37 - Do caminho
38 - Do vento
39 - Porcelana
40 - Aos abutres
41 - Nuvem
42 - Navegação
43 - Serra do Barbosão
44 - Caminhos do desejo
45 - Discurso vazio
46 - Perplexidade
47 - Da tempestade
48 - Do ator
49 - Mar da vida eterna
50 - Insignificância
51 - Barroco de hoje
52 - Argonauta
53 - Premonição
54 - Sobre a chuva
55 - A paz no olhar de Gabriela
56 - Vôo interrompido
57 - Florbela
58 - A poesia das noites de hoje
59 - Fugitiva
60 - Só você
61 - Redescoberta
-
- 63 - Sobre o autor

SOBRE O LIVRO

Alguns sonetos que fiz por aí ...

A coletânea de sonetos “Alguns sonetos que fiz por aí ...” reúne trabalhos escritos entre 1987 e 2006 - privilegiando os sonetos sem rima, muitos deles próximos ao surrealismo e cheios de associações intuitivas, sempre valorizando a musicalidade interna dos versos.

Foi impresso pelo autor, numa versão resumida, em 2001, para divulgação. Muitos dos sonetos já foram publicados nos blogs do autor e apresentados ao vivo ou em programas de rádio, como o “Conversa Semanal”, apresentado pela poeta Adayla Barbosa, na Rádio Rio de Janeiro AM.

Principal forma fixa da poesia, em língua portuguesa, o soneto sobrevive a mudanças estéticas e às escolas mais diversas, e permite experiências e novos ritmos - como já o provaram grandes autores do porte de Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira e Jorge de Lima.

William Mendonça iniciou-se na poesia através dos sonetos, em 1985, fascinado com poemas de Olavo Bilac. Mais tarde, foi exposto a diversas influências, como Augusto dos Anjos, Florbela Espanca, e os já citados acima.

ÂNSIA

Minha poesia é fugaz e inútil
maresia, raiz de ventania
que tenta dominar as tantas nuances
e climas de meus olhos indecisos.

Vagueia, displicente, por discursos
que se perdem em métricas e rimas
discutíveis, se veste de incontáveis
reflexos, de ângulos e faces múltiplas.

Desenha correntezas entre os dedos,
flui, na languidez mágica de um beijo,
e se esvai, sem destino, pelos poros.

É mensageira de tormentas, frágil
despojo da batalha em que me venço
- É ânsia incontida de ser Tudo!

O CENTAURO E AS PEDRAS

Um centauro caçava corações
numa floresta vaga, de concreto,
e os sorrisos faltavam aos caminhos,
e seu arco se erguia como a noite ...

Ao longe, velhos morros desabavam,
velhos anjos caídos rastejavam
seu derradeiro esforço em resistir,
e pintores pariam sóis e telas ...

Ele gritava às pedras velhos poemas,
a noite lia versos como estrelas
aos morcegos, nos galhos, solitários;

Eu, perdido, só um passo além do sonho,
via as luzes nos olhos do centauro
que enchiam de loucura o céu noturno.

ILHAS

Ilhas se esbarram, gente que não voa,
mentes vazias, copos, calendários,
vídeos, vozes se esbarram toda noite
rompendo grades e janelas - gente!

Estrelas e existências inventadas
num olhar sem motivo aparente,
frutas e paraísos nos meus livros
que desperdiçam tantas boas histórias.

Definições e rótulos vazios,
tudo pronto - lições de metafísica
para dizer mentiras sobre a vida.

Atores e cenários sem glamour
vivendo para a morte em pleno palco,
ilhas que, sem saber, se esbarram - ilhas!

EMOÇÃO FUGIDIA

Emoção fugidia, alma sem trégua,
caminhante noturna por chegar ...
Estradas longas, sóis pelas sarjetas,
o sonho esfacelado com um grito ...

Vidraças denunciam nuvens negras
- outro poema afogado na acidez
de uma chuva que nunca chega ao fim ...
Vejo o quadro, mas perco a perspectiva.

Emoção fugidia, prisma ilógico,
ponto fora de alcance, vaga música
- Tu, perdida em hipóteses vazias,

caminhante noturna que se entrega
às obsessões do tempo e do destino
- Nós, conjectura apenas ... desencontro.

ENTRE OS DENTES

Dorme em mim um olhar castanho ausente,
uma voz com um jeito de sorriso
guardado, uma palavra quase frase,
um pensamento vasto, mas contido ...

Trago comigo a força das antíteses
e a leveza inconstante das metáforas;
sou vago, muitas vezes nada digo,
noutras, diz muito mais o meu silêncio.

Olhos cheios de enigmas, nada tenho
de científico, lógico ou dogmático
- rimo vida com morte, sem receios.

Falo um verso entre os dentes, cuspo as dores
no prato, abro as janelas do meu tempo
e recrio o mundo num piscar de olhos ...

NOITE E DIA

Há versos que combinam com a noite,
versos envoltos em lençóis e pele,
versos que tocam e se beijam, versos
de insônia, de paixão, vivendo em êxtase.

Mas há versos dourados pelo sol,
versos com gosto de mar, sal e luz,
versos floridos, com perfume, e versos
meninos, grãos de areia e de magia ...

O poeta? Vive e segue num estreito
limite, realidade fugaz, íntima
solidão devassada e sem descanso.

Hoje meu sol se pôs brindando à Lua
e meu soneto abriu porta e janelas
- Ora (dizeis) ouvir poetas? Sim, sempre!

VIDA PASSADA

Tudo no mais perfeito sincronismo;
um verso que aparenta mais idade,
algo que já foi dito, nos meus séculos
de antes, com palavras esquecidas ...

Um discurso que cala frente o tempo,
uma cadeira vaga - teu lugar ...
De quando em vez te vejo começando
frases minhas tão claras que não falo.

Às vezes me pareces uma esfinge
que não decifro e, fria, me devora ...
Por que, enigma? Por que foges de mim?

Imagem do passado no presente,
memória do que fui, rumo perdido
- uma cadeira vaga: solidão ...

MENTIRAS

Improviso um olhar disperso e vago
pra fugir das cobranças que me faço,
esconder os remorsos do reflexo
e me mostrar sem erros, mesmo falho.

Disfarço mal meus vícios, e confesso
que em mim planto ilusões inabaláveis
- que resistem às crises de consciência
e às manhãs preguiçosas de domingo.

Há dias em que avanço, mais a toque
dos tropeços da vida que vontade,
e em outros retrocedo sem sentir.

Na música da vida, desafino;
busco atalhos na estrada, corro o risco
- e só no poema admito, porque minto ...

INSTANTE

De invisível, o instante tomou forma
intrincada, de estranha geometria,
e projetou futuros, e inspirou
desejos, e deixou marcas em nós;

De impossível, o instante se fez fato,
tempo concreto, urgente de viver,
hora exata da mágica que envolve
os relógios e abraça os corpos nus;

De imperfeito, pintamos um instante
sem falhas, e o rascunho sem molduras
ganhou cor, e textura, e perspectiva;

De instante, no soneto capturei
você, quem nisso tudo a mim importa,
e vi o mundo passar sem despedidas ...

SOBRE A INFÂNCIA

Predisse meus caminhos, perdi os seus ...
É que sou mais poeta que profeta,
mais garoto que sábio, sou travesso
como a criança presa em meu espelho.

Jogar com os futuros, brincadeira
de menino que teme envelhecer,
é o que faço nas noites de silêncio
esperando a chegada das manhãs.

Você sempre visita meus delírios,
é presença constante, um vento quente
que reconhece a casa e quer ficar.

Depois que perdi, imberbe, seus caminhos,
você sempre visita meus domínios
pra brincar - vento quente, minha infância ...

SONETO DE ANO NOVO

Encontrei num estranho interlúdio
o Eu-passado, menino, dando passos
ecoados no nevoeiro de algum poema,
cruzando um istmo absurdo ao céu futuro ...

Mas não havia cavalos no futuro,
nem casas com quintal, nem lendas poéticas;
encontrei-me pisando a terra seca,
sorrindo trapos sujos de lembranças.

Mas não havia presente nem passado
no futuro daquele Eu-menino;
encontrei-me calado num soneto,

lendo as palavras mortas do meu tempo.
Mas não havia poesia; acordei triste ...
Era Ano Novo, e só havia vazio.

DUELISTA

Manejo espadas em meus olhos, trilho
duelos intermináveis por temer,
apenas, o que emerge de mim mesmo
e cauteriza os sonhos e asfixia ...

Visito o limbo e conto velhas fábulas
às sombras que me envolvem e acompanham,
enquanto me convenço de que sigo
seguro em armaduras e disfarces.

Iludo o tempo e refugio o passado
nas pegadas compostas ao acaso
pelo andar sinuoso dos relógios.

Sou tão vasto em mim mesmo, que esbravejo
e não escuto - e desafio desejos
que não se rendem, com poesia e escárnio!

VOZES E VERSOS

Espero o dia em que virão - tão lúcidos
e vivos quanto Seu Quintana, livres
como se ouvissem as canções de paz,
os poetas sem palavras, que transformam ...

Espero, e sei que está mais perto, o dia
em que eles, sábios, abrirão portais
pela neblina, marcarão o caminho,
livrando os passos de prisões antigas ...

Não espero mais milagres, nem os quero!
Eles virão porque o momento, enfim,
terá chegado - natural e simples.

Saberei, então, que os poetas antecipam
fatos da vida, veios da morte, enquanto
criam vozes e versos, como flores ...

CRUZANDO A BAÍA

Deixo o Rio com um breve adeus, sorrindo,
e sinto o vento frio que move as ondas
da Baía, supremo, penetrando
a alma com sopros vãos de maresia.

Vou e volto, sinto o ritmo compassado
da cantareira que conduz meu corpo,
enquanto o espírito parece fluir
rumo à cidade em que nasci, mais perto ...

Sou movimento, desenhado em teias
múltiplas, de lembranças e vontades,
a um passo do futuro - sigo viagem.

E por mais que conheça o vento manso
da Baía - de um lado o Rio, já longe,
noutro Niterói - sigo sempre em êxtase.

FÚRIA

Outra noite espargia os pensamentos
em papéis devolutos e sóis cegos
- Vivi tanta amargura e combati
tanta sombra que até meu Sim negou-se.

Outra velha ilusão cantava frases
no inconsciente nauseante do meu poema
- Perdi tanto da infância nesses passos,
tanta idéia na luta pela vida

que hoje escrevo rabiscos ideológicos
e desenterro carnes putrefeitas
e me estilhaço em público, sem medo,

e me suporto apenas porque existo
e consumo este mundo em desvario
e me destruo - porque meu nome é Fúria!

COMPANHEIRA DE VIAGEM

Você, presença amiga nestes dias,
par das dores que planto e reconheço,
redime velhos planos de viagem,
trilhas abandonadas nestes anos.

Com você, debulhar tantas ausências,
companheiros deixados pelo tempo,
não descolore a mágica intimista
de cultivar saudades como pérolas.

Recompomos os ventos e as estrelas
que antes nos conduziram, para, então,
renascerem os sons e cores de antes.

Meus medos, companheira, não resistem
à sedução sutil da tua luz
quando um novo caminho nos convida ...

A ESTRELA E O VERSO

Noite dessas a Estrela me surgiu
com um sorriso límpido, em aberto,
trazendo à noite um vôo além das asas,
um canto além da voz, um brilho intenso;

E eu, verso branco, fugidio e vago,
vi chegar flor e orvalho em seus olhos,
olhos tão quimerados, transbordando
delírios, que me fiz olhos para vê-los.

A Estrela encheu a noite em suas mãos
e se fez luz mais forte, ofuscando,
deixando rastro em música até o dia ...

Nasci, dia seguinte, e algum pássaro
lembrava o canto da mulher-Estrela
- E a noite se fez verso na entrelinha ...

VARANDA PRO DIA

Minha varanda abriga vôo de pássaros
que colidem, em velhos pensamentos
construídos a cada manhã, brisas
que despem flores tantas quanto estrelas.

Na rede, movem-se infinitos quadros
compostos por meus olhos que balançam
na sonolência - cada manhã leve
como pluma, caindo lenta e livre.

Sóis alternam-se em novos movimentos
para que eu faça riscos e rascunhos
em um céu que parece, enfim, sorrir.

Minha varanda abriga sons que dançam,
é meu portão pro dia, que emoldura
de esperança o caminho e me dá asas ...

POENTE

Caminho para o poente, lentamente,
na certeza do rastro que componho
com pegadas qual linhas de intrincada
teia - música antiga que assobio.

Agora vou tranqüilo, já encontrei
o que buscava pela estrada, trilha
desconhecida que te trouxe a mim,
nas correntezas do destino, livre ...

O tempo se desenha em silhuetas
- que dançam no crepúsculo um balé
mágico - e descortina nossas vidas;

Rumo ao poente, caminho sem temer,
pois sei que estás comigo - não estivesses,
aqui te esperaria para sempre ...

FEITIÇO

Resistem aos mais íntimos ataques
que elaboro, teus seios - que desafiam -
tua boca - que a carne fez perfeita
e o espírito deu vida, a me tentar.

Sustentam a magia os olhos tímidos
- que nunca mostram mais que o necessário,
e que guardam segredos de mulher
e ilusões tão distantes de menina.

No toque que arreperia, escapam ondas
indefiníveis, plenas de um desejo
represado - esperando um gesto apenas ...

Resistem, sim, enquanto sem saber,
vou me rendendo aos poucos, e me entrego ...
Impossível fugir desse feitiço!

EU E VOCÊ NO QUADRO

No rosto, trilhas íntimas deixadas
soltas aos tons do vento, e cheiros vivos
do passado - sou menos do que sinto,
vou menos do que vôo, mas não paro ...

Na pintura, são seus sonhos que encontram
minha voz; na distância, são as viagens
que não bastam - percebo as impressões
do quadro, mas não os traços e a moldura.

Monet vem, cofiando a longa barba,
e se perde na névoa de um atalho
- impossível seguir aquele brilho ...

E quando, enfim, me vejo novamente
fora do quadro, noto que você
ficou presa ao delírio - virou bruma ...

NOITES DE TÉDIO

Fisquei este pensamento noite dessas ...
Estávamos perdidos, eu e a maldita
solidão, no retalho de alegria
que você deixou pelo chão do quarto.

Eu sei, eu sei ... a festa terminou
e só este pensamento atravessado
em minha mente soube resistir
e não despencar doutro copo cheio.

Desperdiçados, fomos eu e a completa
solidão, arrastando os olhos vagos
pelas paredes brancas do meu templo.

Você legou de herança apenas o tédio
- um vazio incalculável que se estende
pelas infinitudes do meu espírito ...

A MUSA; O VERSO; O TEMPO

Versou a manhã: crescida no céu cáustico
do passado que o poeta semeara ...
Desfilavam cabeças sinonímicas,
sem forma, sem motivo, sem lirismo;

e então a musa sorriu, me conduzindo
pelo asfalto infinito do meu mundo;
e passou, capturando o verso impuro
para o espalhar em folhas de papel.

Confundiam-se o agora, o ontem e o sempre
e eu mal sabia o verbo a conjugar
- o poema não vivia preso ao tempo.

E na Babel dos dias que ficaram,
minha musa me disse: - Esquece a morte!
Agora sou teu tempo ... vasto e eterno.

CARTÃO POSTAL

Comprei um postal de mim mesmo, falso
como a própria estrada sem chegada
a que chamamos vida - ou lembrança;
e todo o verso vive sem destino.

Mostrei os campos, as casas, as cidades
de meu passado, tristes como a noite
a que chamamos vida - ou viagem;
e todo verso fica no caminho.

Perdi o olhar do tempo, porém via
sempre o mesmo momento, o mesmo passo;
e todo verso segue sem ilusões.

Mas sinto que não disse onde chegar
neste espaço submerso em mais espaço;
e todo verso morre ... todo verso.

TANGO

Olho pela janela, que, entreaberta,
mostra o brilho distante de outras luas,
e o apagar lento e frio de sóis e nuvens,
nas janelas, em frente, como quadros.

Sei que o vento cochila nos telhados
quando a noite parece dar ao mundo
acordes de silêncio, como música
refugiada em velhas partituras.

Por isso, me encarcero nos venenos
e martírios do corpo que se esquece
possuir alma e sonho e verso e voz ...

Por isso reconheço, apenas, notas
vagas do antigo tango que flui, lânguido,
- cria rastros em minha solidão ...

DESPOJAMENTO

O que me veste de desejos, fonte
da mágica contida nos meus olhos,
é o rio negro que escorre nos teus ombros,
e que se ondula ao vento, aos meus carinhos.

Se me combino aos rumos que seguimos,
já sou margem, moldura imprecisa
que abriga teu destino, tuas águas,
teu curso, e que se funde à tua história.

É tanta, e tão profunda, que a existência
de nós dois, como um só, vive perfeita
em sua assimetria, domando o tempo.

É só contigo que me dispo, alegre,
da condição de senhor de eclipses
para tornar-me súdito da Lua.

QUARTO DEVISSADO

Meu quarto vez em quando está crescente,
vez em quando minguante - é quase Lua,
deixada na distância, devassada
por intrusos que nada têm a dar ...

- Cruzamento de estradas sem destino,
de poemas renegados que vegetam,
de personagens plenos de retórica
que nunca dizem nada ... nunca sonham.

Babel de mim, é nele que despejo
as batalhas que perco, as ilusões
mal nascidas que encobrem pesadelos.

É onde tranco a inocência violentada
nos ritos de passagem - no plantio
de horas intermináveis que não colho ...

DO INIMIGO

É quando encontro o olhar que se disfarça
entre panos e máscaras eternos,
que sei com quem me bato, quem enfrento ...
- Qual o real inimigo no caminho.

Por mais que fuja, engane, iluda e minta,
o inimigo não passa de uma dor
que não se contém, não possui limites,
e precisa ferir a paz dos outros.

O meu temor é a arma do inimigo
- por isso, não temer é minha força,
é tudo que preciso para a luta.

No olhar, meu inimigo se enfraquece,
mostra a fragilidade, mostra o medo
de quem se reconhece derrotado.

GALOPE

Cavalo feito de alquimia e vento,
veloz miragem que domina o tempo,
o poema é sempre muito mais que o poeta,
vértice do universo, que é divino.

No galope, descubro imensidões
de delírios que brotam como rios,
sóis que desbotam, rastros desenhados
na insanidade amarga de quem voa ...

E a crina feita em asas, sem limites,
é onde me agarro, como às catedrais
que se erguem sobre nuvens, implausíveis.

E as patas já não deixam rastros - olhos
mostram as luzes do caminho aberto ...
No galope de sonho, enfim, sou poeta!

SOBRE OS SONHOS

Porque eram santos os desejos íntimos
e sagrados os campos onde a mágica
operava, vivíamos parindo
louvores ao que existe de infinito.

Eram tempos de ventos incessantes
e Luas eruptivas que compunham
rastros incandescentes pelo céu ...
Eram tempos de sonhos que não voltam.

Às vezes lembro ... planto no temor
do que se esquece, a flor feita semente.
- Abro janelas, sinto o vento e o sal.

Sempre que lembro, oscilo como a dor
de viver a saudade - por viver
num tempo onde já não sonhamos mais ...

DO CAMINHO

É como um velho verso este caminho,
aquele verso decorado e lido
tantas vezes, que flui quando preciso
e vem à tona abrindo um poema antigo.

É como repetir uma certeza
para torná-la mais segura e viva.
É como repintar o mesmo quadro
tantas vezes exposto e revelado.

Este é o caminho que transponho dias
a fio, como quem ronda o Sol, compondo
a história de manhãs quase infinitas ...

Sigo como quem nasce já sabendo
a hora da morte, certo que virão
outras vidas - caminho que não finda ...

DO VENTO

Sobre as ancas do vento, como um baio,
um querubim pintado de infinito,
branca a pele mais branca, uma viagem
que só termina quando o céu termina.

Nos cabelos do vento, não domado
porque é vento, me prendo, vou laçando
as estrelas pra quem amo, uma viagem
que é mais sonho e delírio que verdade ...

Quando acordar, do vento terei o cheiro,
mais perfume que brisa, querubim
metamorfoseado em nuvem clara.

Sobre o colo do vento, como um ninho,
deixaria meus desejos fecundados
se o vento não passasse assim, tão longe ...

PORCELANA

Porcelana tardia que compõe
um passado que nunca foi verdade
- na luz, fantasiada e perdida,
somos anjos de cor e ventania.

As imagens permitem devaneios,
vertiginosos vôos pelas manhãs,
enquanto pinto linhas insuspeitas
reproduzindo formas no vazio.

Não faço o mínimo sentido assim,
compondo poemas sem princípio, plenos
de metáforas frágeis, sempre inúteis.

Somos anjos de cor e ventania,
espectros afastados da moldura,
mágica reticente que cintila ...

AOS ABUTRES

Devo o preço de sempre aos abutres
- porque assim reconheço amplas fraquezas.
Se eles dominam, ávidos, o vento,
tenho a dor de quem voa com limites.

Mas os abutres, sei, não são eternos
- nem sequer aves nobres ou sagradas.
São seres que destróem as esperanças
e não se afastam nunca do que invejam ...

Pouco de mim é bom o suficiente
para ser poeta, pouco vale à pena
- pouco de mim merece a luz que vejo.

Mas os abutres, sei, não são perfeitos,
nutrem-se dos infernos cancerosos
- tiranos frágeis, prestes a cair ...

NUVEM

Socorro-me de arcanjos, que me levam
mais longe do que os sonhos levariam ...
Vou além das fronteiras e dos medos
porque, poeta do etéreo, sei voar.

E te encontro na brisa, porque é nuvem,
e contradigo previsões do tempo
para domar eternas tempestades
no meu coração cheio de paixões.

Redescubro as origens do que penso
e assim, contraditório, sigo o rumo
oposto do que aponta o pensamento.

Quando volto à janela desses dias
e já não vejo a nuvem, que parece
parte de um sonho, afago o céu vazio ...

NAVEGAÇÃO

Vou romper outra noite, sem certeza
do porto que verei pela manhã ...
Nessas noites que vivo não há estrelas,
nem os faróis longínquos que esqueci.

Não saber o destino, o fim da viagem,
a terra inexplorada que verei,
é o gosto do caminho conquistado,
dos medos derrotados, das batalhas ...

O tempo, feito enigma, nunca mostra
a sua verdadeira face, e brinca
nos olhos do viajante que se lança.

Das ondas, aprendi o ritmo, o segredo
de como navegar sem instrumentos,
ao sabor das correntes e dos ventos ...

SERRA DO BARBOSÃO

Onde a Mata Atlântica agoniza em Tanguá

Quando a Serra, encoberta pelas nuvens,
lança o seu grito amargo, em sofrimento,
as agressões de tantos anos idos
emergem nas feridas que não fecham.

E eu sou quem reconhece nas feridas
da Serra, as dores íntimas que tenho
- O desrespeito vil de quem domina
aqueles que são mansos e pacíficos.

Há muitos outros, muitos que atravessam
os dias com o olhar vazio - há tantos
que ignoram o martírio silencioso,

o assassinato impune desta Serra.
Estes, seguem a vida sem ouvir
o grito da alma verde, em agonia ...

CAMINHOS DO DESEJO

Desejo compulsivo, quase vício;
perder-me em teu delírio, sem escape,
pedaços de nós dois compartilhados
- teus olhos, meu sorriso, num só quadro.

Manhãs que desafiam meus sentidos,
nos sonhos que semeio em travesseiros,
histórias que componho quando acordo
- meus versos, teus cabelos, num só vento.

Não rimo, porque grito sem descanso,
e gritos de desejo vão no tempo
parindo solidões em cada canto.

Percorro essas lembranças, sigo o rumo
do instinto que derrota as armadilhas,
e encontro o teu caminho, num segundo ...

DISCURSO VAZIO

Reconheço a verdade que me ocultas
como um tesouro mágico, trancado
em paredes eternas de mentiras,
em frases incumbidas de iludir.

Sei que é tudo discurso, tudo um jogo
de gestos e palavras previsíveis,
encenação sem brilho de momentos
vazios que nada guardam de concreto.

Sobrevivo a tormentas de metáforas,
deixo fluir teus rios de citações,
a gênios esquecidos pelo tempo ...

Tenho a virtude estúpida dos mansos,
que esperam sempre ver a redenção
das feras em cordeiros, no final ...

PERPLEXIDADE

Em cada novo templo, profecias
que se perdem, inúteis, no vazio
de espíritos perplexos - que não voam,
nem conhecem a música da vida ...

Talvez Cristo chegasse, num relance,
como luz, como um vento de dezembro,
e ninguém percebesse que a Verdade
está viva - e persiste no que é puro.

E nesse turbilhão, o desespero
de tudo cega tantos corações
que entorpece até mesmo os mais sensíveis.

E na dor, disfarçada em força, vivem
presos os que não sabem o Caminho
- espíritos perplexos, que não voam.

DA TEMPESTADE

Venha, como esses dias tempestuosos
- repentina ilusão de dor e fúria.
Sou do tempo, e não vejo eternidades,
só o efêmero, o fugaz, o que se perde ...

Mas venha imprevisível, começando
as mudanças que insisto em protelar.
- Tudo num sentimento indefinido,
que me traz incertezas e o Futuro.

Sou do tempo, relógio dos momentos
não narrados, batendo as horas mesmo
quando o coração pára de bater ...

Sou do tempo, e assim me faço vento;
- você, esse temporal que me completa,
fará em mim outro dia amanhecer.

DO ATOR

Para Max Gouveia, in memoriam

Quando se abre a cortina e represento
o encontro de quem sou com quem me finjo,
redescubro a ilusão da vida inerte,
no tempo represado em um instante.

Das máscaras que tenho, me desfaço!
- Quero fingir sem artifícios míticos,
sem palavras medidas e estudadas,
sem me culpar, enfim, por qualquer erro.

Só quero o palco, o público, a magia
- e que tudo reinvente a cena amarga
da tragédia na graça e cor de um clown,

que a história se faça dos delírios,
que as luzes não se apaguem para o ator
quando a cortina se fechar no tempo ...

MAR DA VIDA ETERNA

Se, do horizonte pleno de gaivotas,
já posso ver o tempo – que parou
nesses cantos – pressinto o desencontro
dos barcos, à deriva, com o porto.

Mas, qual se, destas nuvens, um espírito
divino se tornasse vento, as velas
encontram o caminho, na certeza
de que o mar sempre leva à terra firme.

E lá, são caravelas e galeões
que reencontram o rumo, são navios
de guerra que conhecem Paz, enfim.

São pesqueiros fantasmas, velhos náufragos
e criaturas marinhas, esquecidos,
que se unem neste Mar da vida eterna ...

INSIGNIFICÂNCIA

Gota. Subliminar no oceano. Voz
como o desenho vago que despreza
a vida. Parto antigo. Renascer
feito onda. Gota. Voz subliminar.

Não que a mensagem pinte-se de tudo
para significar nada ... ou quase;
não que a voz se corrompa de desejo
e fique revoando, no vazio.

É que, poeta, mergulho sem certezas.
Gota. Pedaco parco de um oceano
que já fomos. Veloz humanidade.

Conceito imperceptível. Gota. Verso
que não basta. Mensagem consumida
pela insignificância deste poema.

BARROCO DE HOJE

Caído, meu demônio nas entranhas
vê no espelho um arcanjo esfarrapado,
roto estorvo da vida, mendigando
o que tenho de bom, ou penso ter.

Vai, desedificado – recusando
olhares de absoluta compaixão
que espreitam nas esquinas – imortal
feito pequeno, fraco e sem poderes.

Barroco, meu demônio nas entranhas
pergunta a Deus porquês intermináveis,
veste arrependimentos e se rende.

É meu arcanjo-poeta, desterrado,
minha estranha coragem de arriscar
perder o paraíso – sombra e luz.

ARGONAUTA

Caravela febril permanecida,
Vendaval cor violeta libertando
Das âncoras e amarras o argonauta
- despojado de todo seu heroísmo ...

A lenda subverteu o final previsto.
Mito desconstruído e remontado
ao acaso. Relógios e mensagens
nas garrafas conduzem quem navega.

Onde estarão o sonho, o velocino,
o destino de glória do guerreiro?
Onde, Poesia, o verso inacabado?

Que nau desmistifica a dor dos deuses?
Que continente abriga descobertas
nesta Era sem motivo? Qual oceano? ...

PREMONIÇÃO

Cartas que abrigam olhos – verve mágica
de arcanos recontando o que não sei,
destinos capturados num relance
contradizendo o espelho, em descompasso.

Livros, e babilônias, e babéis
falam algum latim que não entendo,
vozes antigas – múltiplo reflexo
da criação divina, em movimento.

Às vezes reconheço sinais, vejo,
posso trilhar sem medo as linhas tortas
que a vida toma, tempo de clareza,

rara navegação entre recifes.
Mas quase sempre sigo na ignorância,
abençoada ignorância sem faróis ...

SOBRE A CHUVA

Mal posso ver a estrada. Sinto o tempo
só na monotonia irritante
do limpador de pára-brisa e sigo
remoendo os temores da viagem.

A chuva nunca chega quando quero
- sempre me contraria, sem remorsos,
mostra que meu poder inquestionável
é tão pouco que nada vale agora ...

Ela sempre me põe no meu devido
lugar – preso, tentando proteger
meu orgulho ... e me ver pequeno dói.

Só quando a fúria cessa, e me distraio,
é que lembro daquele velho filme
e cantarolo “i’m singin’ in the rain” ...

A PAZ NO OLHAR DE GABRIELA

*À memória de Gabriela
À coragem e ao amor de seus pais*

Encontro a Paz no olhar de Gabriela
- esse olhar de olhos que já não existem
mas que, cheio da mágica da vida,
eterniza o momento em que passou.

E de nada adianta a sombra amarga,
nem o ardil da violência, pois seu olhar
persiste como o vento que há milênios
abre caminho para o vôo dos pássaros.

Vejo no olhar feliz de Gabriela,
que transborda esperança e se renova,
tanta semente e brilho, tanto sonho,

que nele identifico o mesmo olhar
de minha filha – franco, imaculado
e com todo o futuro pela frente ...

VÔO INTERROMPIDO ...

Ave frágil, coruja desconexa,
procuro o ninho a toda volta, triste
- Interrompido o vôo que se sabia
para que outra rota se criasse.

Do horizonte, ressurgem passageiros
de algum barco perdido, flor solar
intrometendo luz contra a neblina,
tempos vários que formam um só tempo ...

Tenho visões, num transe incontrolável
que só aos poetas mortos se permite,
e não mais reconheço meu reflexo!

Pergunto ao vento como tudo acaba ...
- Então é assim!? Nada mais que brilho,
lampejo tão veloz que não se conta?

FLORBELA

De sonhar-te, sozinho, vago e ouço
os mesmos versos, plenos de paixão,
de um fanatismo intenso, dessa mágica
de amor - de se entregar ao outro, sempre ...

De saber-te, deliro e me enlouqueço,
na cegueira impossível dos que perdem
o rumo pra viver intensamente,
viajar, e se atirar ao vento, sempre ...

Passam, no mundo, os tempos, os castelos;
passam os rios, que rompem as represas
e levam a poesia ao mar aberto.

Passam os deuses, passam até mesmo
os poetas - construtores de quimeras -
mas, eterna, resistes, e te guardo ...

A POESIA DAS NOITES DE HOJE

O sono já não quebra meu olhar métrico,
pleno de versos vagos e distantes ...
Porém, enquanto exponho minhas vidas
que já tive, no papel, o mundo gira.

Sei que o tempo compõe linhas perdidas
mas segue sempre a mesma rota inviável,
que não permite a volta - nem aos poetas,
que deixam no passado os sentimentos.

A poesia das noites de hoje é outra,
os limites são tênues como sonhos
que nunca poderemos realizar.

E se a amada partisse, aonde o poeta?
E se o canto cessasse, aonde o verso?
E se o livro acabasse, aonde o grito?

FUGITIVA

Você batendo à porta, emigrando
de sonhos e correntes da distância.
Fugitiva da vida que, disforme,
serpenteia nos rostos da cidade.

Montanhas, avalanches, eco surdo
de vozes silenciadas e esquecidas.
Você batendo à porta, fugitiva
do que dói sem motivo, que envenena ...

Passos ... escuto o ritmo do passado
reverberando, inútil, entre prédios
e avenidas que nada representam.

O seu silêncio esbofeteia a porta
num caos de ventos, dor e tempestades
- e, em mim, sobra uma angústia sem sentido ...

SÓ VOCÊ

O dia despertou ... No imenso quarto
de paredes etéreas, só você
- recortes de jornais agonizando,
os mesmos velhos fatos e discursos.

Lá fora, névoa, névoa, e cabeças
passando sem destino ... Só você,
deitada em meus delírios, permanece,
os mesmos olhos limpos de menina.

Somos apenas mais velhos que os sonhos,
mais sofridos que os sons desta cidade
- na minha ausência, sinto só você.

Lá fora, dia, dia como a noite ...
Mas, ao menos, ainda nos sabemos,
como partes um do outro - eu e você.

REDESCOBERTA

Vendo chegarem velhos medos, sigo
ao avesso, deixando no caminho
o que queria não ter feito - passo,
eu mais que o tempo, mais que a vida ... vou ...

E já não temo içar velas, lançar
os sonhos que cultivo ao vento bravo,
pois quero conquistar os continentes
de além mar, de onde os ancestrais saíram.

Mas, então, por que os mapas desta vida
nunca mostram as ilhas sob tormentas
nem os monstros que habitam os oceanos?

Por que será que os seres mitológicos
confundem-se aos velhos navegantes?
Por que, então, caravelas, se sei voar?...

**ALGUNS SONETOS
QUE FIZ POR AÍ...**

SOBRE O AUTOR

WILLIAM MENDONÇA

Poeta, cronista, dramaturgo e compositor,
nascido em Niterói - RJ, em 1968,
e radicado em Tanguá-RJ.

Seu trabalho artístico começou com a poesia, em 1985, com a participação em festivais e recitais. Publicou esporadicamente em jornais, revistas e blogs, com destaque para sonetos e poemas líricos. Participa de eventos culturais em Itaboraí-RJ há vários anos, apresentando seus poemas.

Também em 1985, iniciou-se no violão como autodidata, influenciado por Lô Borges, Milton Nascimento e os mineiros do Clube da Esquina e Oswaldo Montenegro. Também toca bandolim e cavaquinho. De 1986 a 1989 integrou grupos musicais em Niterói, como violonista, vocalista e compositor.

No ano seguinte, começou seu trabalho na área teatral, escrevendo peças. Participou do grupo teatral Parafernália, de Itaboraí, não só como ator e autor, mas também dirigindo peças e oficinas teatrais e escrevendo trilhas sonoras para musicais.

Da experiência de 18 anos de trabalho no jornalismo, como redator e diagramador, iniciou-se também como cronista, publicando em jornais do interior do Estado do Rio, no site “Cronistas reunidos” e em blogs.

Também escreve contos no gênero da ficção científica, influenciado por nomes como Ray Bradbury e Phillip K. Dick, e tem especial interesse em biografias.

Trabalha como jornalista, na imprensa do interior do Estado do Rio - mantém coluna INFORME CULTURAL no jornal O ALERTA, de Itaboraí - e é bancário no BB.

E-book criado por William Mendonça

O autor autoriza a distribuição gratuita desde que o conteúdo não seja alterado e que seja citada a autoria e a fonte.

Publicado no site do autor em 12/10/2006
www.williammendonca.com

Contatos: will_mendonca@yahoo.com.br